

Senado não vota nomeação de Arida para o BC e põe em xeque bancada governista

por Adriana Vasconcelos
de Brasília

O governo de Fernando Henrique Cardoso foi reprovado em seu primeiro teste no Congresso Nacional. O pior é que a derrota política aconteceu justamente na Casa onde ele e seu vice, Marco Maciel, passaram os últimos dez anos. Embora as portarias registrassem a presença de 56 senadores nas instalações do Senado, apenas 40 compareceram ao plenário para votar a indicação do economista Pérsio Arida para a presidência do Banco Central. Ficou faltando um voto para que o nome pudesse ser aprovado.

O presidente do Senado, senador Humberto Lucena (PMDB-PB), convocou uma sessão extraordinária para hoje às 9h30. Ele fará uma nova tentativa para aprovar não só o nome de Arida como de Francisco Lopes, indicado para ocupar uma diretoria, ainda a ser criada, do Banco Central. Caso o governo não consiga colocar mais uma vez 41 senadores em plenário, a votação deverá ficar adiada para o próximo dia 17 de janeiro, quando começa um novo esforço concentrado do Legislativo.

Um grupo de pelo menos 16 senadores, liderados por parte da bancada pemedebista e pefelista, decidiu boicotar ontem a votação de interesse do Executivo. A rebelião começou a ser articulada na véspera e prosperou em função da falta de articulação da bancada governista. A justificativa para o motim foi a de que nada seria apreciado pelo Senado enquanto o projeto de lei que anistia Lucena da cassação de seus direitos políticos, decretada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), não for aprovado pela Câmara.

Os rebeldes esperam que o Palácio do Planalto se empenhe para que a Câmara, em especial a bancada tucana que se tem negado a conceder a urgência urgentíssima à matéria, aprove o projeto de anistia, que beneficiaria não só

Lucena mas todos os demais parlamentares que são acusados de ter utilizado os serviços da Gráfica do Senado com fins eleitorais. Entre os senadores que boicotaram ontem a votação do nome de Arida havia vários parlamentares ameaçados de perder seus mandatos, como os senadores Alexandre Costa (PFL-MA), Ney Maranhão (PRN-PE) e Saldanha Derzi (MS).

Constrangido com a movimentação desse grupo, o presidente do Senado chegou a deixar por alguns minutos o comando da sessão para fazer um apelo aos colegas, pedindo que comparessem para votar a matéria. Reunidos na sala

do café, anexa ao plenário, os rebeldes não ouviram os argumentos de Lucena e outros senadores como Elcio Álvares (PFL-ES), Guilherme Palmeira (PFL-AL) e Pedro Simon (PMDB-RS).

Numa última tentativa ontem, Simon fez um discurso condenando a postura dos colegas, lembrando que há momento para tudo, e argumentou que o Senado não poderia negar a Fernando Henrique Cardoso o que não negou ao ex-presidente Fernando Collor. O deputado José Aníbal (PSDB-SP) ainda chegou a empenhar sua palavra, prometendo que seu partido votaria a favor da anistia de Lucena no próximo esforço concentrado do Legislativo. Mas tudo foi em vão.

O senador Ney Suassuna (PMDB-PB), que a princípio se uniu ao grupo de rebeldes e depois voltou atrás atendendo aos apelos de Lucena, chegou a declarar que "muito mais importante do que garantir a nomeação do presidente do Banco Central - único integrante do novo governo que foi nomeado mas não pôde assumir o cargo - é garantir a cadeira de Lucena".

Irônico, o senador Alexandre Costa não admitia o motim, afirmando: "O problema é falta de quórum". Alfredo Campos não escondeu em nenhum momento sua posição e muitas vezes foi a plenário para pedir a colegas que não ajudassem o governo a aprovar a matéria. Com os direitos políticos já cassados pelo Tribunal Regional Eleitoral, Ney Maranhão desafia o Executivo a votar qualquer projeto antes do próximo esforço concentrado.

Ao deixar ontem à noite o plenário do Senado, o líder do PMDB, senador Mauro Benevides (CE), parecia confiante no sucesso da votação de hoje pela manhã. "Eles vão ceder. Eles só queriam dar uma demonstração de força", comentou. A votação, no entanto, é imprevisível, já que muitos parlamentares tinham viagens marcadas para ontem à noite.

No Palácio do Planalto, ninguém se manifestou. Nem mesmo o vice Marco Maciel, que na semana passada tinha dito que iria articular a votação da nomeação da Arida nesta semana.